
CORPO E CIDADE

Por: José Horta Nunes*

Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental
Editora Record, Rio de Janeiro-São Paulo, 1997, 362 pp.
Autor: Richard Sennett

Em *Carne e Pedra*, Richard Sennett realiza um percurso pela história da cidade. Sem a pretensão de chegar a uma grande e detalhada história, como a de Lewis Mumford (*A cidade na História*), Sennett privilegia alguns momentos e algumas cidades. O eixo da reflexão está na relação entre o corpo e a cidade, entre a *carne* e a *pedra*. De que modo o corpo vivencia a cidade? E de que modo a cidade simboliza o corpo? Como as questões da corporalidade foram significadas na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana? O autor parte do princípio de que *a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas a cada povo*. Tal princípio leva a considerar as *sensações físicas* vivenciadas pelos sujeitos nas situações urbanas e a mostrar

como essas sensações, ou a privação delas, formam ou afetam a *consciência do corpo*. Sennett, seguindo em alguns aspectos Adorno e Marcuse, confronta passado e presente e lança uma denúncia contra projetos de modernidade que causam a diminuição do contato, dos *estímulos sensoriais*. Projetos arquitetônicos como os shoppings e os espaços fragmentados provocam um enfraquecimento dos sentidos. Os meios de comunicação, a televisão à frente, anestesiaram a consciência do corpo. As tecnologias da locomoção, do automóvel ao avião, fazem evitar o contato e produzem uma passividade do corpo em movimento, transformando o espaço num lugar de passagem.

A escrita de Sennett sofreu algumas

* José Horta é pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos, Nudecri/Unicamp.

transformações depois de *O declínio do homem público*. Distanciando-se do modelo acadêmico, o professor da Universidade de Nova York passa a narrar os acontecimentos citadinos através de experiências pessoais e de itinerários vivenciados por um leitor virtual. Assim, o autor convida o leitor a um “passeio” pelas cidades, em uma narrativa que reconstrói os percursos dos corpos e as experiências sensitivas dos sujeitos no espaço urbano. Sennett afirma em uma entrevista¹ que sua escritura foi afetada por uma experiência de dez anos como romancista, a qual o distanciou do discurso universitário e o levou a transformar seu modo de escrever ao retornar às questões sociais. Não seria este, pode-se indagar, um movimento histórico mais amplo que estaria provocando efeitos também no discurso universitário atual? O campo da História sofreu mudanças com a história das mentalidades e a história do cotidiano. Os estudos urbanos passaram a considerar a questão do sujeito inserido nas malhas da cidade. Não haveria assim uma outra escritura da cidade?

Sennett inicia seu percurso com os gregos. Na Atenas antiga, o corpo nu era

símbolo de civilização. Em oposição aos bárbaros, que andavam sem lugar fixo e vestidos, os gregos tomavam o corpo como objeto de admiração e o exibiam no espaço público, nos templos, nos ginásios, nas praças, como uma marca da cidadania. E esse corpo se imprimia na pedra. O Partenon, templo avistado de qualquer parte da cidade, apresentava inscrições de figuras de corpos perfeitos e nus, jovens e ideais, representando um poder que desafiava os limites entre deuses e homens. Segundo o autor, o valor que os gregos atribuíam à nudez decorria de uma concepção fisiológica, segundo a qual o corpo quente era naturalmente mais forte, reativo e ágil do que o corpo frio e inerte. Assim, derivava do calor no corpo a capacidade humana de ver, ouvir, agir e reagir, e mesmo de falar. O calor do corpo determinava as relações sociais. Fetos bem aquecidos no útero deveriam tornar-se machos. De fetos carentes de aquecimento nasceriam fêmeas. Aristóteles, diz Sennett, distingue “o macho, dotado do princípio do movimento e da geração, e a fêmea, possuidora do princípio da matéria”, estabelecendo um contraste entre forças ativas e passivas no corpo. Outro modo

¹ “Una mirada a la ciudad. Entrevista con Richard Sennett”, *Versión*, n° 5, Universidad Autónoma Metropolitana, 1995.

de o corpo estar na cidade era através da voz. Os atenienses construíam espaços para a emissão da voz. Na ágora, havia multiplicidade de vozes e imprecisão visual; as conversas eram fragmentadas e dispersas, de modo que a tensão individual se quebrava. Nos teatros, os corpos eram identificados pela própria disposição espacial das construções e a voz singular era trabalhada pela retórica. Assim, Sennett vê na ágora o lugar da igualdade e no teatro a ameaça da eloquência, com o “calor das palavras” que atingia espectadores paralisados. Em oposição aos lugares “quentes” da retórica, o autor mostra como rituais conduzidos por mulheres estavam ligados ao frio e à sombra. A Tesmoforia era um ritual de abstinência sexual e adubação simbólica da terra, realizado em abrigos em que as mulheres se esfregavam na terra. A Adonia celebrava o apetite sexual das mulheres e acontecia nos telhados de Atenas à noite e com pouca iluminação. Sennett vê nesses rituais uma forma de resistência contra o poder do controle das palavras: os corpos oprimidos unidos no compromisso social. Uma resistência, no entanto, que não conseguiria cicatrizar uma sociedade em crise.

De Atenas passa-se à Roma de Adriano.

Sennett afirma que a ordem visual e o poder imperialista estavam indissoluvelmente ligados. O Panteon, templo construído pelo imperador Adriano em 118, destinava-se à devoção dos deuses romanos. Os sinais divinos esculpido na pedra eram usados para justificar o reinado: o espaço da cidade é o espaço do mundo. Muitos monumentos como esse foram construídos no mundo ocidental. Eles correspondiam a um esforço para que todos olhassem, acreditassem e obedecessem. Nesse contexto, o corpo é considerado através de uma visão geométrica, que dava a idéia de uma cidade eterna, a salvo das rupturas históricas. Tal visão manifestava-se nas representações plásticas: o interior do Panteon foi construído conforme as concepções de Vitrúvio, segundo as quais a estrutura corporal obedece a relações equivalentes de forma e dimensão. A harmonia do corpo humano, marcada pela simetria, poderia ser traduzida na arquitetura de um templo.

Cinco séculos depois o Panteon transforma-se em um templo cristão: o *martirium Sancta Maria ad Martires*. Para o cristão, a aparência é irrelevante, os corpos não são bonitos nem feios, nem superiores nem inferiores. Trata-se de um corpo sofrido, vulnerável; daí a aliança

com os pobres, os desamparados, os oprimidos. Há uma fraqueza universal do corpo. Nas igrejas, o olhar da sombra em direção à luz simbolizava a conversão e indicava a cidade de Deus em um espaço fora do mundo.

As cidades romanas perderam seu esplendor e a Europa viveu uma luta pela sobrevivência. Os muros dos mosteiros e das abadias serviram como refúgio. Por volta do século X, a construção de castelos no campo marca a ascensão do feudalismo. Os centros urbanos, igualmente murados, começam a se desenvolver. Sennett analisa dois movimentos nesse contexto. O primeiro corresponde à formação de comunidades cristãs na Paris medieval. A idéia do corpo sofrido, como o de Cristo, conduzia a uma sociabilidade ancorada nas práticas de piedade, caridade, solidariedade. Na medicina, Mondeville notou que um órgão debilitado, durante ou depois de uma operação, podia ser suplementado por um outro e forneceu explicações com metáforas do campo religioso: “Os outros membros se apiedam do sofrimento [dos membros feridos] e prestam socorro, mandando-lhes força e tepidez”. A partir dessa concepção de corpo, Mondeville faz uma analogia com o urbano, vendo a cidade como um espaço

que unia os corpos vivos. Lugares cristãos como a Igreja de Notre-Dame, em Paris, eram ocupados por gente desabrigada, pedintes, agonizantes; eram espaços de introspecção, melancolia, contemplação e sofrimento. O segundo movimento analisado por Sennett corresponde à formação de espaços econômicos que desafiavam o senso cristão de lugar. Enquanto o tempo e o lugar cristãos baseavam-se na força da compaixão, o espaço e o tempo econômicos apoiavam-se na agressividade. O homem de negócios, o burguês, individualista, separa-se da caridade cristã e apossa-se do espaço urbano para exercer atividades de compra e venda. Construções arquitetônicas permitiam expor objetos de comércio, levando à formação de zonas econômicas. Nas universidades, formavam-se pessoas hábeis para manejar a linguagem, com a passagem da *lectio* (explicação) à *disputatio* (competição intelectual). Outro ponto de confronto com a comunidade cristã está no aparecimento de guetos judeus em Veneza. O toque do judeu atrai e contamina. De um lado, as tentações do oriente, com as atividades econômicas; de outro, as aversões despertadas por um medo físico. Relacionados ao aparecimento da sífilis e

da lepra, os corpos judaicos eram acusados de abrigar doenças decorrentes de suas práticas religiosas. Decorreu daí uma visão profilática do espaço urbano, com práticas que levavam ao confinamento, ao isolamento.

Com o surgimento da obra de William Harvey, *De motu cordis*, em 1628, tem início, segundo Sennett, uma revolução científica que mudou a compreensão do corpo: o homem é acima de tudo um ser humano móvel. Os corpos não são naturalmente quentes ou frios, como se acreditava desde os gregos, mas é a circulação que os aquece. Estudando a circulação do sangue pelo corpo, Harvey descreve as diferenças entre artérias e veias e mostra o mecanismo de bombeamento do coração, considerado então a “máquina da vida”. Seguiram-se assim estudos que consideravam o movimento no corpo, como os do sistema nervoso. Essa concepção se transfere para a cidade, que passa a ser vista como um lugar de movimento, de circulação. Ernst Platner faz uma analogia da circulação com a experiência ambiental. Assim como a pele deveria estar desobstruída para que o ar pudesse circular no corpo, a cidade deveria estar limpa: asseio pessoal, drenagem de buracos e depressões

alagadas, canalização de esgotos, pavimentação. Com isso, as leis de saúde pública baseavam-se em uma noção de corpo saudável. A imagem do corpo em movimento transferiu-se também para o campo econômico: circulação de mercadorias, fluxo de capital, estimulação da energia do trabalho: “A circulação econômica nutria os membros da sociedade, assim como a livre corrente do sangue nutria todos os tecidos orgânicos”. Se, de um lado, essa idéia de circulação simboliza o individualismo econômico, por outro lado, ela se articula a movimentos coletivos, como a revolta do pão, em Paris, no ano de 1789. Sennett afirma que desde a Revolução Francesa há uma ruptura entre carne e pedra, a qual tem marcado as sociedades sujeitas à lei. A Revolução podia expressar a piedade através de um corpo, como em “Marianne”, imagem de uma jovem mãe abrindo seu peito a todos os franceses, que surgiu em toda parte, inclusive em jornais, moedas, estátuas públicas; mas não como um lugar. O autor mostra como o espetáculo da guilhotina supõe uma concepção não-religiosa do modo de o corpo estar na cidade. A lâmina mata “sem sofrimento”. Assim, a técnica, a lei e a burocracia estatal são significadas

corporalmente no espaço da cidade.

Por fim, Sennett volta-se para Londres e Nova York. Segundo ele, enquanto em Paris ocorreu uma revolução aberta, resultante de movimentos coletivos, em Londres triunfou o individualismo. Tratando de três projetos arquitetônicos (Regent's Park e Regent Street, em Londres, no início do século; a reconstrução das ruas parisienses pelo barão Haussmann, por volta de 1850; e a construção do metrô de Londres, no final do século), Sennett afirma que “o desenho urbano do século XIX tanto promoveu a circulação de grande número de indivíduos quanto incapacitou o movimento de grupos ameaçadores, surgidos com a Revolução Francesa”. A arquitetura incorpora meios mecânicos de isolamento, produzindo uma despolitização de espaços urbanos. Conferiu-se assim um novo sentido social, privilegiando o corpo em movimento, com “conforto” e “passividade”, e evitando movimentos sociais. Enquanto a geração de Harvey imaginou o movimento estimulante, na Nova York multicultural ele tornou-se monótono – a velocidade converteu-se em fuga e passividade.

O que fazer diante da passividade e da acomodação do mundo moderno? Como

conviver com as contradições étnicas, sexuais, etárias e de classe? Para responder a estas questões, Sennett propõe uma “compaixão cívica”. Essa compaixão “provém do estímulo produzido por nossa carência, e não pela total boa vontade ou retidão política”. Vê-se que o autor prioriza o campo religioso antes do que o político. Segundo ele, a experiência humana teria se desviado da compreensão religiosa.

Assim como Michel Foucault, com quem desenvolveu trabalhos em conjunto², Sennett busca na História as pistas para explicitar as concepções de corpo na sociedade ocidental. Só que, enquanto aquele o faz pelo viés da sexualidade e das relações de poder, distanciando-se da psicologia, este objetiva sobretudo a questão da *passividade* e a da formação da *consciência do corpo* pelos sentidos. Este posicionamento se sustenta em uma visão religiosa, judaico-cristã, que vê na privação do Paraíso a causa do sofrimento do corpo humano. Há, desse modo, uma infelicidade e uma dor que derivam do “mandamento de Deus que nos obriga a conviver no exílio”. O homem está condenado a viver exilado da cidade

² Ver M. Foucault e R. Sennett, “Sexuality and Solitude”, em *Humanities in Review* 1.1, 1982, pp. 3-21.

paradisíaca. Desta separação entre o Éden e a cidade real resultaria uma incompletude corporal jamais remediada. Além disso, tal perspectiva baseia-se em uma concepção psicológica, pouco explicitada quanto às filiações teóricas, mas que se pode observar em algumas passagens. Assim, à incompletude corporal resultante do exílio divino corresponde uma “dissonância cognitiva”,

dissonância que está na base da divisão entre as imagens idealizadoras do corpo, imagens de plenitude, e a incompletude corporal vivenciada pelo sujeito. Esta concepção psicológica se sustenta ainda em um empirismo sensualista colocado no eixo da História: os sentidos físicos conformam historicamente a consciência do corpo.